

# O impacto do antissemitismo na teoria e na prática psicanalítica

Augusta Gerchmann<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta um panorama histórico das diversas formas de perseguição de que foi alvo o povo judeu, com vista a identificar de que maneira os atos de intolerância que se solidificaram no mundo moderno sob o epíteto de “antissemitismo” influenciaram o desenvolvimento da psicanálise. Com foco especial nos trabalhos de cunho teórico e biográfico do precursor da psicanálise, Sigmund Freud, identifica-se como suas experiências pessoais e sua ambivalência em face do pertencimento a esse povo perseguido contribuíram para a interpretação que nos legou acerca da mente humana. Nessa trilha, observa-se como a história da humanidade e de seus conflitos interferiram na formulação não apenas da teoria psicanalítica, mas também em sua prática clínica. Conclui-se que, apesar de se declarar agnóstico e não ter seguido, em sua vida privada, os costumes religiosos de seus antepassados, a identidade judaica de Freud e a história do preconceito étnico-religioso tiveram impacto marcante na construção da psicanálise.

**Palavras-chave:** Antissemitismo. Civilização. Judaísmo. Psicanálise. Religião. Racismo.

Não em vão, Goebbels converteu em frase histórica sua grande maldade estratégica: repita uma mentira muitas vezes e acabará sendo uma verdade. (Rahola citada por Carneiro, 2007, p. 22)

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicanalista, Membro Titular em função didática pela SBPdePA.

## Introdução

A origem da expressão *semita* encontra na Bíblia suas raízes, mais precisamente no livro do Gênesis. É atribuído a **Sem**, um dos filhos de Noé, a origem de todos os povos que possuem traços culturais comuns, oriundos do Oriente Médio, reconhecidos predominantemente pelas línguas *semíticas*, como o aramaico e o árabe, e também pelo nomadismo. Entre esses povos, incluem-se os arameus, assírios, babilônios, sírios, fenícios, caldeus e, mais relevantes para os fins deste trabalho, os hebreus.

O mais destacado membro desse povo é Abraão, descendente de **Sem**, a quem os judeus atribuem a aliança originária com Deus. Sua linhagem é constituída pelos monoteístas que viriam a dar forma à religião judaica. Como os islâmicos descendem de Ismael, filho de Abraão com a escrava Hagar, e os cristãos de Jesus, da linhagem do Rei David, pode-se dizer que os semitas constituem a origem das três religiões monoteístas.

O que conhecemos de Abraão encontra-se no primeiro dos cinco livros do Pentateuco<sup>2</sup>. Com ele tem início a peregrinação dos judeus, em busca da Terra Prometida – Canaã. Segundo Gerald Messadié (1999/2010), a errância desse patriarca seria um traço comum a todos os hebreus – inicialmente caracterizados apenas pela cultura<sup>3</sup>, como um povo de fácil adaptação e capacidade de resiliência. Só posteriormente, com a entrega dos Dez Mandamentos a Moisés, no séc. XIII a.C., a religião judaica pode ser tida como efetivamente fundada, marcando novo êxodo, dessa vez pela fuga do Egito. A dispersão seria “constitutiva dos judeus, tanto espiritual quanto fisicamente” (Messadié, 1999/2010, p. 24), desempenhando papel determinante em sua história.

Pelo menos desde o século I da era cristã, quando devastados pela invasão romana que alcançou Jerusalém, os judeus se espalham pelo mundo; desta dispersão<sup>4</sup>, constituiu-se a segunda diáspora<sup>5</sup>, levando os judeus para diversas partes do globo – Leste Europeu, Península Ibérica, Países Baixos e Norte da África –, onde se agruparam entre si, buscando seguir a cultura e a tradição que lhes foram transmitidas, mas também se assimilaram a outras culturas, formando novos grupos.

---

<sup>2</sup> Coleção dos cinco primeiros livros do Velho Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

<sup>3</sup> Entende-se por cultura, neste trabalho, o conjunto de hábitos, costumes e modos de pensamentos desenvolvidos pelos membros do grupo ou adotados de outros povos, com quem conviviam quando aceitos em sua recorrente migração.

<sup>4</sup> Diáspora judaica (em hebraico tefutzah- dispersado) refere-se à formação de comunidades judaicas fora de sua nação – Israel – em decorrência das diversas expulsões forçadas.

<sup>5</sup> A primeira diáspora judaica data do século VI a.C., com a conquista dos caldeus de Nabucodonosor II, que destruiu Jerusalém e deportou os judeus para a Babilônia.

As histórias de perseguição a judeus repetiram-se quase ininterruptamente ao longo da trajetória desse povo e, tendo a questão de ódio étnico participado como elemento causal determinante de parte daquelas, cunhou-se a expressão antisemitismo<sup>6</sup>.

Poderíamos pensar que a violência identificada por Deus na gênese do mundo, sendo própria da natureza humana, vai sendo transmitida de **geração em geração**. Caberia, então, ao trabalho civilizatório entre os grupos, domar a pulsão desenfreada que Freud reconheceu como pulsão de dominação, atávica ao ser humano?

Nesse contexto, vale lembrar que Freud define a cultura humana como: “. . . tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e em que ela se distingue da vida dos animais”, conceito que o leva a não distinguir os termos cultura e civilização. Ressalta a importância de o homem dominar as forças da natureza com fins de tirar desta a satisfação das suas demandas, preservando “todos os dispositivos necessários para regular as relações dos seres humanos entre si, e especialmente a distribuição dos bens acessíveis” (Freud, 2020, p. 234). Nesse aspecto, seria adequado questionar até que ponto a perseguição a um povo – principalmente uma perseguição que se reproduz e se repete ao longo da história universal – não constitui uma negação da civilização.

Nosso principal interesse, ao resgatar as perseguições aos judeus – que se confundem com sua própria trajetória –, é desenvolvê-las na esteira da psicanálise. Através do recorte histórico, buscamos algum sentido para essa sina, a qual, embora não exclusiva desse povo, nele encontra longevidade e recorrência únicas. Temos, mais especificamente, o intuito de articular o impacto dessas perseguições no centro da construção da teoria e da clínica psicanalítica, a partir de seu pioneiro, Sigmund Freud, e de seus seguidores.

### **Diferentes expressões, mesmas perseguições**

Os autores que discorrem sobre o tema utilizam distintas expressões para se referir à perseguição aos judeus, que foi revelando, ao longo dos acontecimentos, um requinte de crueldade derivada do ódio irracional, instrumentada pelas mãos dos perseguidores: xenofobia, judeufobia, racismo etc. Inicialmente, a perseguição aos judeus foi chamada de antijudaísmo, passando somente no final do século XIX a ser denominada antisemitismo. Inúmeras foram as situações que, em diferentes épocas e formas de manifestação, expressaram a intolerância

<sup>6</sup> A origem do termo é objeto do tópico seguinte deste trabalho.

a esse povo, podendo notar-se, contudo, a presença de motivos variados para seu despertar.

Faz-se relevante diferenciarmos o que foi considerado antijudaísmo no período da história que antecede a era cristã e o que se revelou como perseguição aos judeus a partir da consolidação do cristianismo como religião de Estado. Importa destacar o antissemitismo enquanto parte da ideologia racista que surgiu no final do século XIX e permanece presente, sob outras manifestações, até os nossos dias.

No caso da perseguição dos hebreus no Egito, considerado antijudaísmo pré-cristão, a escravização deveu-se à oportunidade de utilizar mão de obra barata desses nômades recém-chegados à região, circunstância que os tornava vulneráveis. A religião judaica ainda não havia sido fundada, portanto, não pode ser tida como o motivo do preconceito e submetimento. Foi para livrá-los da escravidão que, segundo o Pentateuco, Deus renovou, através de Moisés, a promessa feita a Abraão de levar os hebreus a Canaã. Assim, Moisés comandou a saída dos judeus do Egito. A libertação é ainda hoje comemorada na festa de *Pessach*, cuja tradução – *passagem* – evoca o caminho da escravidão à emancipação.

Como referido, a primeira grande deportação dos judeus após sua instalação em Jerusalém ocorreu no ano de 598 a.C. O saque e a destruição do Templo de Salomão ocorreram com a segunda leva de deportações, em 587 a.C., sempre sob o comando de Nabucodonosor II. Os judeus voltaram a instalar-se no Egito, não mais na condição de escravos, trazendo com eles a religião monoteísta<sup>7</sup> – a crença no Deus único e indescritível (Messadié, 1999/2010). Dessa permanência, constituiu-se a maior comunidade judaica na diáspora.

Segundo Schama (2015), as famílias podiam ser judias à sua própria maneira, partilhando das práticas dos egípcios sem se desfazer de suas crenças e, sobretudo, de seus nomes e identidades.

Enquanto na diáspora os judeus logravam viver sua cultura – o que já envolvia sua religião –, em sua terra, dominada pelos romanos, a perseguição ganhou outros contornos, não se restringindo a questões de costumes, como a prática do Shabat<sup>8</sup>, a obrigação da circuncisão e a proibição do consumo da carne de porco. Nessa quadra, a questão religiosa ganhou relevo na medida em que o

<sup>7</sup> Segundo Freud, em Moisés e o monoteísmo: Três ensaios: “É possível que a religião dada por Moisés ao seu povo judeu fosse a sua própria, uma religião egípcia, embora não a religião egípcia (Freud 1939/2018, p. 31).

<sup>8</sup> A observância do Shabat é um dos fundamentos do judaísmo. A santidade do dia e os mandamentos de guardá-lo e honrá-lo são enfatizados ao longo da Torá. O Shabat desempenha um papel central no relato da Criação do mundo, e o único ritual que consta nos Dez Mandamentos, nos Livros dos Profetas e na literatura rabínica de todas as gerações. O Shabat é o dia do Eterno, que Ele santificou após ter finalizado a Criação do Universo; representa o Sétimo Dia da semana, mas precede a criação física do ser humano. In: <http://www.morasha.com.br/shabat/dimensoes-misticas-do-shabat.html>

monoteísmo, que assegurava a identidade judaica, chocava-se com o politeísmo romano.

Novamente expulsos da Palestina, sofrendo violências sob a forma de repressão militar e de processos penais, nas revoltas de 70 d.C e 135 d.C, considerável contingente da população judia concentrou-se na Europa.

Séculos depois, instalados na Península Ibérica (Espanha e Portugal), onde também eram vistos com desconfiança, foram obrigados a se converter ao cristianismo, sob a ameaça de expulsão e morte. Os que não aceitaram a conversão tiveram que mais uma vez migrar, atravessando fronteiras em direção a países protestantes da Europa Central e Setentrional, onde lhes foi possível viver em liberdade, apesar de terem de pagar alguma espécie de tributo em troca de salvo-conduto.

A recorrente fuga de uma região para outra, o confisco de seus pertences, bem como as incertezas relacionadas à aproximação com outros povos ou credos levava-os a permanecerem recolhidos entre si, buscando manter seus costumes e se protegendo mutuamente na condição de “**estranhos**”. Não raro, alguns, dotados de maior adaptabilidade, assimilavam-se à cultura e à religião daqueles com quem conviviam, renunciando a suas origens com o propósito de serem aceitos e poderem viver em segurança. Como julgá-los?

Os convertidos dividiam-se em dois grupos: os que efetivamente adotaram o novo credo e viveram de acordo com este e os que, apesar da conversão, continuaram judeus escondidos, os primeiros marranos<sup>9</sup>. Esses “criptojudeus”, que seguiam sua religião encobertos pela prática pública do catolicismo, muitas vezes não resistiam à renovação dos conflitos e das perseguições e acabavam renunciando de vez ao judaísmo. As raízes que os ligavam a seus antepassados, pouco a pouco, romperam-se.

Os efetivamente convertidos, porém, não tiveram vida fácil. Sua condição judaica não seria apagada pelo comparecimento à missa – e sua condição humana não seria reconhecida.

Muitos judeus, ao receberem as águas do batismo, pensaram que, abandonando sua religião, suas tradições, seus costumes e sua identidade judaica, seriam admitidos no ‘rol dos humanos’. Essa foi talvez a maior ilusão. Nunca foram tão odiados quando eram judeus como quando se tornaram cristãos. Proibidos de serem judeus e impedidos de abandonar o país, só restou aos cristãos novos um caminho: criar para si justificativas para viver. E constituíram uma visão do mundo totalmente diferente da sociedade ampla, um mundo que carregaram no mais absoluto sigilo nos seus corações, alimentado e realimentado em cada **geração**. (Novinsky, 2007, p. 33)

<sup>9</sup> Parte da população portuguesa que foi forçada a se converter a partir de 1497.

Frente à difusão das ideias iluministas e à Revolução Francesa, as instituições religiosas perdem força, com reflexo no alcance discriminatório e persecutório desse matiz, que também se abranda. No mesmo sentido, a liberdade religiosa denota a intenção de abstenção do Estado nessa seara.

Tais circunstâncias não foram, contudo, capazes de pôr fim à perseguição aos judeus, movida por aversão que ganharia novo nome. O epíteto antisemita apareceu pela primeira vez em 1860, na Alemanha, pela pena de Moritz Steinschneider<sup>10</sup>. Volta às páginas em 1879, com o jornalista alemão Wilhelm Marr, como *antisemitismus*, para soar mais “científica” do que a expressão *judenhass*, traduzida como “ódio aos judeus”<sup>11</sup>. Foi assim utilizada como parte de uma nova orientação que visava expulsar os judeus da Alemanha e enviá-los para a Palestina, “[e] sobretudo estigmatizá-los como pertencentes a uma classe perigosa para a pureza da raça germânica” (Roudinesco, 2010, p. 53). A dissimulação do ódio pela via da adulteração terminológica pode, a nosso ver, ser vista como presságio da normalização da perseguição que se daria a partir das Leis de Nuremberg e culminaria em um dos maiores genocídios de que temos notícia: o Holocausto.

Segundo Hanna Arendt (1950/2000, p. 27), “[o] aparecimento e o crescimento do antissemitismo moderno foram concomitantes e interligados à assimilação judaica e ao processo de secularização e fenecimento dos antigos valores religiosos e espirituais do judaísmo”. Notório exemplo capaz de ilustrar a leitura de Arendt é o próprio Freud, descendente de rabino, que, apesar de se declarar agnóstico, nunca se afastou das tradições de seu povo, sendo evidente a presença da cultura judaica em seu discurso. Essa ambivalência, que certamente não era exclusiva do pai da psicanálise, perpassou a construção de sua teoria e da própria prática clínica. Assim como a ambivalência sentida e vivida, a intolerância religiosa testemunhada na sua Áustria natal teria profundo impacto nas interpretações que nos legou sobre a natureza e a mente humanas.

## O antissemitismo nas origens do movimento psicanalítico

*Tenho motivos para crer que meus antepassados paternos viveram por longo período na região do Reno (em Colônia), fugiram para o Leste devido a uma perseguição aos judeus, no século XIV ou XV, e no decorrer do século XIX retornaram da Lituânia para a Áustria alemã, através da Galícia. Quando era uma criança de quatro anos de idade vim para Viena, onde se realizou toda a minha educação. (Freud, 1925/2013, p. 77)*

<sup>10</sup> Judeu da Boêmia que atribuiu com esse termo a expressão do preconceito hostil aos semitas, cujo povo sofreria de taras culturais e raciais (Roudinesco, 2010, p. 52).

<sup>11</sup> <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Antissemitismo>; Roudinesco, 2010; Baibich, 2001.

Desde a universidade, Freud enfrentou insinuações de ser inferior e estrangeiro por sua condição de judeu, porém a sua origem nunca foi causa de vergonha. No entanto, as exclusões que sofreu deixaram impressões duradouras: “. . . bastante cedo me familiarizei com a sina de estar na oposição e ser proscrito pela ‘maioria compacta’<sup>12</sup>. Uma certa independência de espírito começou a se formar dessa maneira” (Freud, 1925/2013, p. 79).

Contrariamente, o conhecimento, na infância, de que seu pai teria sido humilhado, desperta o desejo de vingá-lo à maneira de Aníbal (Roudinesco, 2010). Essa lembrança infantil é restaurada através de um de seus sonhos de ir à Roma, ao dar a devida dimensão de descender de um povo (raça) considerado **estrangeiro** e reconhecendo as consequências do antissemitismo que o

. . . obrigaram a assumir uma atitude semelhante à figura do general semita que assim se tornou ainda maior aos meus olhos. Aníbal e Roma simbolizavam para o jovem o contraste entre a tenacidade do judaísmo e a organização da igreja católica. A importância que desde então o movimento antissemita adquiriu em nossa vida emocional ajudou a fixar o pensamento e as sensações daquele tempo. (Freud, 1900/2019a, p. 233)

Ainda que a concepção da teoria psicanalítica tenha partido de observações e experiências clínicas que, desde muito cedo, atraíram a atenção de Freud, sua história pessoal, suas vivências e perdas, exerceram influência marcante na reformulação de seu constructo teórico. Apesar de se reconhecer agnóstico, foi criado no meio religioso sem ser doutrinado, e a história do povo judeu acompanhou-o ao longo de sua obra, manifestando-se explícita ou implicitamente. Como sublinhou, muita coisa sobrava do judaísmo, sobretudo a própria essência.

Como sujeito da cultura e como judeu, foi influenciado pelas **gerações** que o precederam, carregando a herança de uma família judia, a história do judaísmo, as vantagens e vicissitudes de fazer parte desse povo. A curiosidade pelo conhecimento, típico de sua estirpe, e seu desejo de saber constituíram a mola mestra para suas descobertas, decifrando enigmas do funcionamento psíquico e sentidos para o sofrimento humano.

Contudo, como judeu, Freud não poderia escapar do contexto antissemita em que vivia a sociedade europeia na segunda metade do século XIX – lembre-se, à guisa de exemplo, a onda antissemita que varreu a França a partir do Caso

<sup>12</sup> Referência ao dramaturgo norueguês Ibsen, na peça O inimigo do povo (1882).

Dreyfus<sup>13</sup>, inspiração de Theodor Herzl<sup>14</sup> para a fundação do movimento sionista. Desde muito cedo, foi atravessado por um antissemitismo que ele percebia latente. Coincidência ou não, os “encontros das quartas-feiras”, germe da futura sociedade psicanalítica de Viena, eram compostos majoritariamente por judeus.

Igualmente procurado por pacientes judeus, coerente ideologicamente e v<sup>í</sup>gil com seu entorno, aconselhara Max Graf, pai do “Pequeno Hans”, que pensara em criá-lo como cristão frente à ascensão do antissemitismo:

Se o senhor não deixar seu filho crescer como judeu, o senhor o privará dessas fontes de energia que não podem ser substituídas por nada mais. Ele terá de lutar com judeu, e o senhor deve desenvolver nele toda a energia de que ele precisará para essa luta. (Yerushalmi, 1992, p. 39)

Como se pode ver em carta escrita em 1907 para Abraham, Freud via, nas dificuldades relacionadas a ser judeu – e, portanto, discriminado –, um potencial fator de motivação e criatividade (Freud, 1960/1982).

Com as reuniões efervescentes e as ideias dali oriundas, Freud angariou discípulos e seguidores. Jung, considerado o “príncipe herdeiro”, possuía o atributo especial de não ser judeu, tornando-se o missionário *gentio*<sup>15</sup> que facilitaria a divulgação do projeto freudiano e o reconhecimento da psicanálise. A Jung se atribuiria o mérito de não deixar a psicanálise tornar-se “um assunto nacional judaico” (Gay, 1989, p. 197), o que inevitavelmente levaria ao seu descrédito.

Mas mesmo nesse valoroso adepto, Freud identificava “senões” à teoria psicanalítica relacionados à circunstância de ser fruto de uma mente judia. Assim, argumentou a Abraham ser mais fácil para ele, enquanto judeu, aceitar a psicanálise do que para Jung, cristão e filho de pastor, o qual só seria capaz de segui-lo “enfrentando grandes resistências internas” (Gay, 1989, p. 197).

Os temores que Freud e outros psicanalistas judeus compartilhavam se confirmaram. Por ocasião de uma divergência entre Abraham e Jung, ambos clinicando em Berlim, Freud lembra a Abraham das rivalidades raciais e, estrategicamente, adverte-o acerca da indispensabilidade dos “arianos” para a afirmação e continuidade da psicanálise, dado que, sem sua adesão, sua teoria “cairia vítima do antissemitismo” (Gay, 1989, p. 198).

---

<sup>13</sup> Ocorrido em 1894, consistiu na falsa acusação de traição de Alfred Dreyfus, oficial judeu do exército francês, que teria repassado documentos secretos à Alemanha.

<sup>14</sup> Jornalista judeu austro-húngaro, publicou em 1896 o clássico O Estado Judeu e organizou, no ano seguinte, o primeiro Congresso Sionista.

<sup>15</sup> A palavra *gentio* deriva etimologicamente de “gens”, que significa grupo familiar. Na tradução da Bíblia, designa o não judeu.

A primeira grande guerra (1914-1918) assolou a Europa e impactou de maneira determinante a sua população, embora a Associação Internacional, já representada em alguns países, não tenha sido prejudicada para além de seus encontros. A leitura de Freud sobre os horrores dos conflitos entre nações resultou em *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte* (1915/2010a).

Nesse trabalho, confessa a desilusão causada pela guerra e pelo emprego de armas nada éticas que levam à destruição da humanidade, parecendo conversar consigo mesmo sobre o seu recém-escrito *As pulsões e seus destinos* (1915/2004). No relato, aduz que “cada um dos seres humanos se encontra não apenas sob o efeito de seu atual meio cultural, mas também submetido à influência da história cultural de seus antepassados” (Freud, 1915/2010a, p. 109). Em conclusão, que parece não ver a condescendência político-estatal em face da intolerância praticada em boa parte do continente entre os próprios compatriotas, aponta:

a reduzida moralidade dos Estados voltada para o exterior, que se comportam, nas relações internas, como os guardiães das normas morais, e a brutalidade na conduta dos indivíduos, que, como participantes da mais elevada cultura humana, não acreditávamos capazes de atos dessa natureza. (Freud, 1915/2010a, p. 106)

Embora tenha reconhecido, à época, a hostilidade e a violência dirigidas aos judeus nas nações supostamente mais civilizadas, restou surpreendido pela força do antisemitismo que apareceria nas décadas seguintes.

Na esteira do crescente reconhecimento e importância que a psicanálise assumiu nos países da Europa Ocidental – inclusive na Alemanha – após a primeira guerra, o 6º Congresso Internacional (1920), em Haia, foi palco do encontro de alemães e ingleses em torno do interesse científico, promovendo a psicanálise e fortalecendo a Associação.

Como consequência dos traumas deixados pela guerra, outra iniciativa desses precursores do movimento psicanalítico foi a criação das clínicas ambulatoriais gratuitas para os necessitados, inspiradas em ideologia política progressista de que comungavam (Danto, 2005/2019). A primeira policlínica de Berlim, resultado dos esforços de Eitingon, Simmel e Abraham, entre outros, foi inaugurada em 1920, sem a presença de Freud, que se encontrava enlutado pela morte recente da filha Sophie. Os honorários eram cobrados dos pacientes que possuíam condições financeiras, e o atendimento era realizado pelos pioneiros, além dos candidatos que podiam contar com o ambulatório para o treinamento psicanalítico – esboço de Eitingon acerca do tripé da formação analítica.

Apesar do interesse em criar projeto semelhante em Viena, este só pôde ser concretizado em 1922, devido aos obstáculos impostos pelo governo local e à

competitividade com o meio médico. Posteriormente, em função da popularidade que a psicanálise conquistara, políticos vienenses ofereceram um terreno, na icônica *Berggasse*, com fins de abrigar, em um mesmo prédio, a Sociedade, o ambulatório e o Instituto de Formação. Contudo, a ascensão do nazismo, na década de 1930, corroboraria, mais uma vez, o receio de que o antissemitismo interferisse na aceitação da teoria e da prática psicanalíticas: a aversão aos judeus e a tudo que deles proviesse pôs fim às clínicas públicas, prejudicando não só psicanalistas, mas, especialmente, a rede de pacientes.

Finda a guerra, o contexto de isolamento e das demais dificuldades por que passou com sua família inspirou a escrita de *O infamiliar*, publicado no outono de 1919, antecipando excertos sobre a nova teoria das pulsões que desenvolveria em *Além do princípio do prazer* (1920/2010b).

Visto que já pensava no tema desde *Totem e Tabu* (1913/2012), explorou os significados do que é *familiar* e seu reverso, em que o “*infamiliar*” seria tudo aquilo que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (Freud, 1919/2019b, p. 45). Aludiu à particularidade do inconsciente de priorizar uma compulsão à repetição, advinda das moções pulsionais – ligada à íntima natureza das pulsões e hegemonia do princípio do prazer, enquanto oblitera a capacidade intelectual. Observa-se que Freud estava atrás da natureza humana, inconformado com os acontecimentos na civilização e no interior de cada ser humano.

Freud prossegue a narrativa do *Além do princípio do prazer* (1920/2010b), reformulando a teoria das pulsões e introduzindo a última concepção de aparelho psíquico. A dicotomia entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação é substituída pela pulsão de vida ou Eros, que contém as duas ordens de pulsão anteriores, em oposição à pulsão de morte ou de destruição. Na formulação da segunda tópica, descreve uma instância no interior do sujeito, o Eu, que entraria em conflito com outras instâncias, o Id e o Ideal do Eu e com o mundo exterior, capaz de destruir as ligações no interior do próprio sujeito e/ou nos vínculos com o seu semelhante.

Em janeiro do ano em que publica *Além do princípio do prazer* (1920/2010b), Freud escreveu a Oskar Pfister relatando e lamentando a morte da filha Sophie: “E essa distância teve que permanecer distância... A indisfarçada brutalidade do nosso tempo está pesando demais sobre nós” (Freud, 1960/1982, p. 383).

Vale destacar como Freud desenvolveu a tese acerca do caráter de **estranheza** e do atributo de **estrangeiro** – tal como foi reconhecido e como se sentiu. Assim como o Eu de *O Ego e o Id* (1923), era um **estranho** em sua própria casa. Assevera Baibich (2001, p. 20) que “[o] outro, o **estrangeiro** [ênfase adicionada] (do latim *extraneous*: vindo de fora) a partir do Império Romano passa a representar

uma categoria política e a ser definido enquanto não-familiar praticamente em todos os idiomas”. Amparando-se no conceito de identificação primária do artigo *Psicologia das massas e análise do Eu*, acrescenta que “o **estrangeiro** [ênfase adicionada] encarna o objeto-dejeto, ódio presente sempre, em razão da ambivalência de sentimentos” (Baibich, 2001, p. 96).

Nessa perspectiva, nas manifestações de antissemitismo e em suas reações por parte dos destinatários, identificam-se pulsões e, em seus destinos possíveis, uma via de expressão dos aspectos mais primitivos, atribuindo-se à pulsão de apoderamento a intenção do indivíduo e dos grupos nos seus vínculos sociais.

Ao longo de séculos, como uma “compulsão à repetição”, derivada da natureza mais íntima das pulsões e suficientemente poderosa para ignorar o princípio do prazer, os judeus foram tratados e maltratados, seja pela religião, seja pelos costumes, seja pelo preconceito, ignorando o princípio de realidade.

Foi nesse lugar do objeto externo odiado, que denuncia a desigualdade das raças, quando deveria expressar a diversidade cultural, que o paradigma das perseguições se revelou no povo judeu. Acobertam-se, todavia, muitas outras diferenças que não poderiam vir à luz, devido ao narcisismo virulento no interior do perseguidor.

Na sequência, a *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011) consiste da análise da psicologia individual ao se imiscuir na psicologia social, ou seja, a influência do grupo sobre o sujeito. Ao aludir acerca da identificação primária como primeiro laço emocional que o sujeito estabelece com seu semelhante, observa nos fenômenos de grupo um submetimento ao líder, que é tomado como modelo. Nos recorrentes conflitos sociais, os membros do grupo perdem sua individualidade, pela capacidade do líder de incitá-los e suggestioná-los a seguir seus ideais. Foi um presságio da atuação da mente fascista de Hitler, que assumiu o poder em uma Alemanha empobrecida e sobre ela colocou toda a capacidade que possuía de odiar.

Ao seguir a trilha de Freud, Adorno compreende a reação hostil dirigida ao **estrangeiro**, inicialmente como sensação de inquietante medo infantil ao **estranho**, incorporando à imagem um grupo específico que sofra a distorção necessária para se enquadrar no estereótipo pré-concebido. Assim, os judeus tornaram-se os substitutos favoritos do homem mau e assustador de crianças, tendo sido acidental a transferência do medo inconsciente para esse grupo em particular. Para o autor, no caso de outros fatores interferirem, a agressão pode ser desviada para outro grupo, priorizando aquele que apresente maior distância social (Adorno, 1975/2019, p. 248).

Adorno identifica os judeus como “inimigo imaginário” quando este constructo imaginário pode conciliar com a “*weltanschauung* geral do antissemita”, cujas

contradições respondem a explicações de um anseio psicológico e uma realidade adaptada a essa visão estereotipada.

Em *O futuro de uma ilusão*, de 1927, é possível notar as profundas ressonâncias que a observação dos fenômenos culturais gera em Freud. Compreende que o desamparo inicial do ser humano e suas consequências sobre a constituição do seu caráter seriam determinantes para a aptidão do indivíduo viver em comunidade. Tece suas críticas acerca do poder de influência da religião sobre o indivíduo, causando prejuízos na organização psicológica, ao torná-lo continuamente subordinado à imagem paterna primordial, incorporada e representada por Deus. Freud acentuava o antagonismo entre a civilização e o controle dos impulsos, o irreparável conflito entre o indivíduo e as instituições.

Embora aponte diversas incongruências na obra de Marx, acompanha-o no que se refere ao ceticismo em face da natureza grandiosa da religião, que aplacaria a angústia dos indivíduos diante dos percalços da vida, mas lhes asseguraria uma felicidade duvidosa (Freud, 1933/2010d). Como “herdeiro do Iluminismo do século XVIII, não sentia nenhum apreço por sistemas de pensamento que apagavam as diferenças irreconciliáveis e recusavam a interminável guerra entre ciência e religião” (Gay, 1989, p. 227).

A propósito da religião, no prefácio da edição hebraica (1939) do artigo *Totem e Tabu* (1913/2012), Freud esclarece que, apesar de não compreender a língua sagrada, não partilhar de ideias nacionalistas e ter se afastado da religião do pai, o que lhe resta de judeu é o principal: as raízes, a história. Dá continuidade a esse primeiro estudo sobre a religião ao longo da obra, mas é quando começa a pensar no *Moisés e o monoteísmo* (1939/2018) que voltará a suas próprias origens, tecendo críticas a todas as religiões e buscando a verdade histórica do ser humano.

Naquela época, a ideia crescente do ideal sionista não deixava por menos a divergência entre os judeus, polarização entre os militantes de esquerda socialista e uma força militar de direita. Os primeiros defendiam a criação de um “Conselho Legislativo palestino composto, paritariamente, por judeus e árabes” (Roudinesco, 2010, p. 95). Nessa configuração, ficava reconhecido o direito histórico dos judeus e o direito de residência dos árabes, que entrava em conflito com o poder hegemônico do grupo que defendia a Palestina somente para judeus.

Diante de um novo massacre aos judeus, em agosto de 1929, na cidade de Hebron (Palestina), Freud foi procurado para apoiar a causa sionista<sup>16</sup> na Palestina. O argumento de sua recusa dirigia-se ao momento delicado que os

---

<sup>16</sup> Keren Hayesod - Organização fundada em 1920 cuja função era alavancar a instalação dos imigrantes judeus na Palestina (Roudinesco, 2010).

judeus viviam na diáspora, mas era cético quanto à possibilidade de a Palestina se tornar um Estado judeu e de cristãos e islâmicos confiarem seus lugares sagrados aos cuidados dos judeus.

Como assevera em *O mal-estar na civilização*, de 1930, o maior obstáculo à cultura consiste na agressividade, mas defender-se da cultura e dela não pertencer torna o sujeito tão infeliz quanto a própria agressividade. Isso porque “A chamada ética natural nada tem a oferecer aqui, salvo a satisfação narcísica de o indivíduo poder se considerar melhor do que os outros. A ética que se apoia na religião introduz aqui suas promessas de um além-túmulo melhor” (Freud, 1930/2010c, p. 119).

Em correspondência com Einstein, escreveu *Por que a guerra?* (1933/2010e), frente à solicitação da “Liga das Nações”, antecessora malsucedida da Organização das Nações Unidas (ONU), para que o físico expusesse sobre o tema de interesse comum: que medidas poderiam ser tomadas para evitar a guerra. Freud expôs a ele suas ideias que sucedem o excerto *O mal-estar na civilização* (1930/2010c): supõe a existência de uma pulsão que quer destruir e matar, nomeado de pulsão de agressão ou destruição, que se contrapõe à pulsão que quer conservar e reunir, que designa como erótica. (Freud, 1920/2010b)

Freud estava absolutamente certo, entretanto, apesar de manter-se isolado da política, nascera e vivera em um país onde o antissemitismo não era de forma alguma velado. A ascensão do partido nazista seria contemporânea de uma de suas obras mais marcadas pela questão religiosa.

Ao seguir sua peregrinação nos estudos sobre a origem da religião, das organizações sociais, iniciados em *Totem e Tabu* (1913/2012) e *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921/2011), Freud se viu às voltas com *Moisés e o monoteísmo* (1939/2018), escrevendo-o, sob a forma de capítulos, a partir de 1934. O artigo versa sobre o êxodo do povo judeu do Egito para a Terra Prometida, mas, principalmente, sobre as origens de seu condutor, se judeu ou egípcio. Analisa a essência do homem, retratando Moisés como pai da horda e fundador da religião mosaica. Questiona a origem do monoteísmo e da religião judaica, conferindo a seu trabalho o “único propósito [de] incluir a figura de Moisés egípcio na trama da história judaica” (Freud, 1939/2018, p. 77).

Argumenta Yerushalmi que, para muitos judeus, incluindo Freud, “o choque da barbárie antijudaica trouxe a questão de o que significa ser judeu para um novo nível de exigência existencial, . . . forneceu o impulso imediato para a efetiva redação de *Moisés e o Monoteísmo*” (Yerushalmi, 1992, p. 39).

A obsessão de Freud pela origem egípcia de Moisés é coerente com sua crítica às religiões. Sendo Moisés egípcio, não faria sentido a enorme pregação rabínica de serem os judeus o povo escolhido, de “se acreditarem superiores aos outros

povos” (Freud, 1939/2018, p. 170). Trata-se de outra crítica que o aproxima das ideias de Marx, filho de judeu convertido que mostrava os malefícios das paixões religiosas e, com isso, foi considerado por muitos antissemita. “Para que a humanidade consiga o perdão dos seus pecados, ela só precisa declarar que eles são o que são” (Marx, 1976/2019, p. 73).

A onda de violência contra os judeus não tardou a cruzar a fronteira entre Alemanha e Áustria. A Sociedade Psicanalítica de Viena restou dissolvida, e seus membros foram aconselhados a emigrarem para outros países. Em março de 1938, depois de Anna Freud ser levada para interrogatório pela Gestapo, Freud decide deixar o país e, enquanto aguarda permissão para migrar, trabalha na terceira parte do seu *Moisés*, deixando a Áustria em 4 de junho.

A Sociedade Psicanalítica Alemã, predominantemente judaica, já havia sido dissolvida, com êxodo dos psicanalistas para diversos países. Eitingon, por exemplo, escolheu a Palestina, tornando-se mais uma vez pioneiro ao participar da fundação da Sociedade Psicanalítica de Jerusalém e da fundação do Estado de Israel.

A terceira parte do trabalho sobre Moisés foi encerrada já em Londres, protegido dos campos de concentração – sorte que suas irmãs não tiveram –, debatendo o funcionamento psíquico e a força das pulsões, à maneira de um diário. Na condição de exilado, Freud sentiu-se um judeu errante, como Moisés, **judeu estrangeiro** em sua nova casa, como seus pares. Fala do Moisés e fala dele.

Político a seu modo, considerado judeu infiel, buscou unir na psicanálise um mesmo povo, constituído por judeus e não judeus, dirigindo sua invenção-descoberta para o mundo, fora de qualquer gueto.

### **Leituras contemporâneas**

Na epígrafe “Não em vão, Goebbels converteu em frase histórica sua grande maldade estratégica: repita uma mentira muitas vezes e acabará sendo uma verdade” (Pilar Rahola citada por Carneiro, 2007, p. 22), consideramos reunir a maior causa e consequência das perseguições, não somente com relação ao povo judeu, mas a todas as perseguições que o ser humano é capaz de realizar sobre o seu semelhante, a mentira que se conta e se propaga.

Quando nos reportamos à história da civilização, podemos observar que os estudiosos substituíram a religião para marcar a diferença entre os povos, ou seja, para designar a identidade genealógica com o nome de raça, uma “. . . entidade caracterizada por um dado histórico” (Roudinesco, 2010, p. 43). Dessa forma, a dialética que centralizou por séculos o antissemitismo como raça inferior e os demais credos como povo superior sofreu desdobramentos, e hoje assistimos a

manifestações de racismo como representante e porta-voz das perseguições que, apesar de não terem fundamento, demonstram o caráter mais antissocial do ser humano do século XXI.

Nessa senda, Roudinesco esclarece como ocorreu a passagem do antijudaísmo ao antissemitismo e ao racismo sucessivamente. Ainda que racismo e antissemitismo sejam manifestações distintas, o antissemitismo está na raiz do racismo, tornou-se suporte original para todas as projeções que vieram ao longo dos tempos. Postula que o colonialismo constituinte do racismo tem suas origens no antissemitismo: “. . . uma recai sobre uma alteridade manifesta, e a outra sobre uma alteridade sem estigmas aparentes-, ambos sempre se juntam, ainda que por caminhos tortuosos” (Roudinesco, 2010, p. 44).

Lévi-Strauss confere à desigualdade das raças o princípio da diversidade cultural e fundação da humanidade, para quem essa diversidade conduz a inúmeros problemas. Entre eles, encontra-se a existência de mais culturas humanas do que raças humanas, e duas culturas pertencentes a indivíduos de mesma raça podem diferir tanto ou mais de culturas pertencentes a grupos racialmente separados (Lévi-Strauss, 1973/1991, p. 305).

Entretanto, o maior prejuízo consideramos tangenciar os aspectos racistas considerados sob a égide da origem biológica, ou seja, a atribuição de um valor intelectual ou moral em liame à cor da pele, branca ou negra, ao cabelo liso ou crespo. A não ser assim, para o autor acima, como explicar atitudes raciais inatas que apontam progressos civilizatórios para uma raça e infortúnios para outra raça, mantendo retardado seu desenvolvimento? Em conclusão, Lévi-Strauss atribui ao problema da desigualdade das raças humanas o imbróglio das culturas humanas que está intimamente ligado ao espírito público (Lévi-Strauss, 1973/1991, p. 306).

Nessa mesma trilha, Baibich pontua que historicamente os **estrangeiros** sempre estiveram presentes, entretanto, foram as nações modernas que colocaram em marcha essas segregações. “A partir do século XVI *segregare* passou a significar o ato pelo qual se separavam as populações brancas das de cor, ou seja, passou a significar o *apartheid*” (Baibich, 2001, p. 20). Essa ideia é reforçada por Bauman (1996/1998), que acredita que o avanço da ciência moderna e de configurações modernas de poder estatal tornaram possível o racismo.

Para os defensores da “raça pura”, a exogamia oriunda da mistura de raças provocaria uma decadência das civilizações, do ponto de vista ontológico, o que, para a psicanálise, diametralmente oposta, consiste na evolução da civilização (Roudinesco, 2010). Para o fundador da psicanálise, a origem da exogamia se encontra no totemismo, quando da instauração do tabu do parricídio e com este, o tabu do incesto. Como o complexo de Édipo constitui o complexo nuclear da

neurose, a negação ou desmentido da interdição engendra regressão a estádios mais primitivos do desenvolvimento sexual, determinando a ausência de um Supereu que “[é] herdeiro do complexo de Édipo e representante das exigências éticas do ser humano” (Freud, 1925/2013, p. 147).

Diante do tema que nos convoca, consideramos importante ressaltar que, por mais que as sociedades atuais se considerem liberais, ainda resistem a abordar as relações raciais de forma isenta. “Desinformação, interesses políticos de clãs familiares e pesquisas históricas superficiais têm fortalecido o senso comum e dificultado o exercício da crítica e o respeito às diferenças” (Carneiro, 2007, p. 13).

Nesse sentido, assumir a responsabilidade por atos de preconceito pode ser uma forma de dar conta de um tanto de narcisismo que acompanha todo ser humano – considerando-se a dificuldade em lidar com o narcisismo das pequenas diferenças, que assola a todos.

Atento ao narcisismo, Yerushalmi, num monólogo com Freud (1992), questiona a posição dos analistas não-judeus em analisar seus sentimentos relacionados aos colegas judeus e em analisarem-se com um judeu. Para o autor:

Até onde importa para um paciente se ele escolhe um analista judeu ou não-judeu? Quantos homens e mulheres ainda deitam no divã imaginando se o analista é ou não judeu, porque o nome não revela a identidade, mas que nunca perguntarão diretamente porque o assunto parece muito mais sensível e ameaçador do que o sexo? Quanto sentimento antissemita pode ser não apenas reprimido mas inconscientemente suprimido na transferência para um analista judeu, e quanta coisa mais pode escapar como resultado? (Yerushalmi, 1992, p. 155)

## Considerações finais

*A ‘Autobiografia’ mostra como a psicanálise se tornou o conteúdo de minha vida, e obedece à legítima suposição de que nada do que ocorreu à minha pessoa merece interesse, ao lado de minhas relações com a ciência.* (Freud, 2013, p. 163).

Quando começamos a esboçar este projeto de articulação entre a psicanálise e o antissemitismo, vimo-nos diante de duplo desafio: buscar uma história da qual também somos herdeiros, visando eximir-nos de viés ideológico e preservar a neutralidade ao longo da escrita; ao buscar a repercussão das manifestações antissemitas na edificação teórico-clínica da psicanálise e nas trilhas percorridas por Freud, diante do lugar de **estrangeiro** e **estranho** do qual não foi poupado. Nessa condição, as origens do ser humano estão mais além das origens raciais ou culturais, sustentam-se especificamente no fator humano comum.

O que objetivamos enfatizar, no texto, concerne ao que imaginamos habitar no mundo interior do homem Freud, questões que o moveram para compreender, também sob o influxo de manifestações antissemitas, patologias do narcisismo que em suas expressões sociais sustentam rejeições independentemente da cultura, da cor ou da história.

Através dos interlocutores com quem Freud trocou correspondências, da autoanálise relatada por Jones e da extensão de sua obra, podemos reconhecer em sua narrativa “desabafos à maneira de análise”, revelações de sensações e sentimentos por meio de sua própria pena, que acompanharam a construção da psicanálise, do nascimento psíquico ao desamparo do ser humano. Por meio do estudo da psicologia individual, ampliou o exame dos agrupamentos sociais e o desenlace sobre a civilização, tendo como pano de fundo a religião.

Ao sustentar as bases de suas descobertas e apoiado por seus pares, do judaísmo conservou somente sua identidade judaica, sobretudo quando tinha de enfrentar o antissemitismo, o que se deu muito cedo. Apesar de suas origens culturais, estabeleceu um estudo sobre o ser humano, sujeito psíquico, independentemente de suas origens étnicas.

Não se privou de repetir em muitos excertos o seu não pertencimento à “maioria compacta”, ao mesmo tempo em que a condição de judeu o libertava “[dos] preconceitos que limitam outros no uso de sua inteligência; sendo judeu, mas não religioso, estava preparado para ficar na oposição e para renunciar ao acordo com a ‘compacta maioria’” (Freud, 1960/1982, p. 423).

Tratou de compensar a rejeição sofrida através da manutenção de seu potencial criativo, como aconselhara a Abraham, perseguindo as origens e os desdobramentos da natureza humana, sobretudo ao dar um sentido para a “necessidade” do homem civilizado de eliminar o seu semelhante, revelando o âmago da natureza selvagem que a mesma cultura autoriza, em nome da ambição, do desejo de poder.

Defendeu suas origens, sentindo-se alemão na cultura, na língua e nos vínculos, mas abdicou de considerar-se intelectualmente alemão ao enfrentar o preconceito antissemita na Alemanha e na Áustria, quando optou por se dizer judeu. Nessa mesma seara, frisava que sua ligação ao judaísmo não se dirigia à religião, mas ao “. . . respeito às chamadas exigências ‘éticas’ da civilização humana” (Freud, 1960/1982, p. 423).

Discorrermos sobre o que pautou as lutas étnicas que ainda são palco de espetáculos desumanos não nos leva a lugar nenhum se não nos debruçarmos sobre o que se encontra ao nosso alcance, não como meros espectadores, mas como partícipes de mudanças que poderão tornar nosso planeta mais habitável, se não para nossos filhos, que participam da luta, para nossos netos, preservando

uma ilusão de futuro mais humano e menos ganancioso para a próxima geração, sobretudo de mais respeito pela alteridade.

Tratamos, sem pretensão de exaurir o tema, do impacto do antissemitismo sobre a formação teórica e clínica da psicanálise, o que nos parece abrir as portas para um estudo complementar: a influência que a psicanálise pode ter sobre o antissemitismo.

Do desejo de Freud de tornar a psicanálise uma ciência constituída por judeus e não-judeus, o tempo e a civilização se encarregam.

### **The impact of anti-Semitism on psychoanalytic theory and practice**

**Abstract:** The article presents a historical overview of the different forms of persecution that the Jewish people were subjected to, in order to identify how the acts of intolerance that solidified in the modern world under the epithet of “anti-Semitism” influenced the development of psychoanalysis. With a special focus on the theoretical and biographical works of the precursor of psychoanalysis, Sigmund Freud, the paper identifies how his personal experiences and his ambivalence in the face of belonging to this persecuted people contributed to the interpretation that he bequeathed us about the human mind. In this trail, it is observed how the history of humanity and its conflicts interfered in the formulation not only of psychoanalytic theory, but also in its clinical practice. We conclude that, despite declaring himself agnostic and not having followed, in his private life, the religious customs of his ancestors, Freud’s Jewish identity and the history of ethnic-religious prejudice had a great impact on the construction of psychoanalysis.

**Keywords:** Anti-Semitism. Civilization. Judaism. Psychoanalysis. Racism. Religion.

### **Referências**

Adorno, T. W. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária* (V. H. F. Costa, F. L. T. Corrêa, & C. H. Pissardo, Trans., pp. 247-303). São Paulo: Editora Unesp. (Trabalho original publicado em 1975)

Arendt, H. (2000). *Origens do totalitarismo – Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* (R. Raposo, Trad., p. 27). São Paulo, Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1950)

- Baibich, T. M. (2001). *Fronteiras da identidade – O auto-ódio tropical*. Curitiba: Moinho do Verbo.
- Bauman, Z. (1998). *Modernidade e Holocausto* (M. Penchel, Trad., pp. 51-105). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1996)
- Carneiro, M. L. T. (2007). *O Antissemitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Fapesp.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e justiça*. (M. Goldstajn, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 2005)
- Freud, S. (1982). *Correspondência de amor e outras cartas – 1873-1939*. (A. S. Santos, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1960)
- Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010a). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 209-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010b). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. L. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010c). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2010d). Acerca de uma visão de mundo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 321-354). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010e). Por que a guerra? (Carta a Einstein). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 417-435). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (2012). Totem e Tabu In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913)

Freud, S. (2013). Autobiografia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 75-167). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)

Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo: Três ensaios. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 13-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939)

Freud, S. (2019a). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 4, pp. 225-257). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (2019b) O infamiliar (Das unheimliche) e outros trabalhos. In *Obras incompletas de Freud* (E. Chaves, & P. H. Tavares, Trans.). Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919)

Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo* (D. Bottmann, Trad., pp. 191-231) São Paulo: Companhia das Letras.

Lévi-Strauss, C. (1991). *Antropologia estrutural*. Cidade do México: Siglo Veintiuno. (Trabalho original publicado em 1973)

Marx, K. (2019). *Sobre a questão judaica* (N. Schneider, Trad.). São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1976)

Messadié, G. (2010). *História geral do antissemitismo* (R. Janowitz, Trad., 2a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1999)

Roudinesco, E. (2010). *Retorno à questão judaica* (C. Berliner, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Schama, S. (2015). *A história dos judeus* (D. M. Garschagen, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Yerushalmi, Y. H. (1992). *O Moisés de Freud: Judaísmo terminável e interminável*. (J. C. Guimarães Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Augusta Gerchmann

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 05/04/2021

Aceito em: 17/05/2021

Augusta Gerchmann  
Rua Florêncio Ygartua, 270 /1107  
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil  
E-mail: [augustagerchmann@hotmail.com](mailto:augustagerchmann@hotmail.com)